

• CRIAÇÃO

POEMAS

Júlio Machado*

Imo

Odeio

(e dizem sem voltas
o mais e tudo isso)
o que é belo,
porque é vidro,
e se faz feio,
porque em frasco
se faz frio.

Amo,
contudo, em falso desatino
(eu mesmo um fundo falso
ou falso lago, porque rio),
o imo
do que vai no vidro,
em lágrimas, se cheio,
em alma, se vazio.

* Poeta e professor de Literatura.

PÃO DE MINUTO

Minimalista, tão enxuto,
dizima de alimento nobre
ou minério bruto,
esparge, chora,
range e confrange
por estômagos cristãos
de ateus convictos,
ou porque trigo, concreto,
ou porque fruto,
sua brancura de mito,
despida de sol e de luto.

E assim semeia,
morto, porque tão vivo,
o paradoxo de ser tão grande
por ser tão diminuto.

LASSIDÃO

A couve ao sol,
o boi ao chão,
dormem o sono
lento (o inverno)
que dormiriam
folhas de lírios,
fios de larvas,
achas de lenha,
pedras, rios.

(E a couve mais,
que presa ao chão,
como nasceu,
pouco se move
em benefício
de seu verdume,
seu viço).

Mas sobre a relva,
em meio à tarde,
ou precipício
do sol, sem mais,
quando se enterra,
o olho do boi,
que se revela,
rumina
em lenta espera
o olho da cancela,
que para fora
se abre e não mais
se fecha.

O CÃO E O CÂNCER

E contra as verdades de Deus,
o cão comido pelo câncer,
sem mineiros para a crua,
difusa solidariedade.

Vede como prima, vagamundo
no quintal sem ervas,
em ouvir estrelas de murcho brilho,
ou adivinhar, entre pus e urtigas,
antigas violetas (mesmo esterco,
sem dar por isso).

Lázaro ou lunático de evangelho,
não reconhece mais a água,
não teme ao fogo.
Árcade de ovelhas em tosquia,
não sabe quando é noite ou
quando é dia.

Esquecido do que fora o céu,
e belezas,
esparge inconsciente, entre incertezas,
seu bafio álaque de carne podre
em tons de ocre.

Mas, veja-se: impassível.
Não daria de si
sinal algum de sofrimento,
não fosse a lágrima amarela
que verte se percebe,
contra o esfarelar de sua pele,
a integridade das pedras.

Mas como, em meio à dor,
esquivar-se da matéria?
Ou, mais, sem morfina,
acalantar o espírito?

Sabe: devia morrer,
mas não o morrem.
Há mesmo uma fina crueza
no ato de sobrevivê-lo,
embora não se lhe notem,
mesmo nas unhas em degredo,
sinais de desespero.

Busca apenas, desancado ou torto,
em quartos, flancos, frangalhos,
um qualquer restolho
dos olhos, que secaram,
dos dentes, que caíram,
dos pêlos, que voaram.

E depois,
um só cancro de orelha e rabo,
esperar que alguém,
por nojo, piedade ou trinta dinheiros,
o enterre ao pé do muro.
Como a cidade mesma,
ao pé do morro.

